

Participe deste Fórum com seus comentários e trabalhos que possam ser incluídos no nosso “site” (www.ccseaerj.org.br), na página correspondente a **PARTICIPE**. Sua participação é importante para o fortalecimento do Centro Cultural e nos ajudará a fazer um trabalho melhor.

Os comentários aqui feitos são de minha inteira responsabilidade e não representam a opinião do Centro Cultural da SEAERJ.

Ao longo dos últimos dois anos temos debatido muito nas nossas sessões do Conselho Consultivo e mesmo neste Fórum de Debates, os problemas causados pela falta de projetos (às vezes, até mesmo sem anteprojetos) de obras dos governos municipal, estadual e federal, quando prevalece a tese de a partir de uma “ideia brilhante” se elaborar editais de licitação de obras, sem que as mesmas sejam incluídas em um planejamento adequado e para as quais tenha sido elaborado um projeto básico, quanto mais um projeto definitivo.

No domingo, dia 3 de abril, o jornal O Globo publicou um artigo do jornalista Elio Gaspari que trata do assunto que, a meu ver, sintetiza as nossas discussões na SEAERJ, e que apresento na íntegra:



Obra sem projeto vira briga sem fim

A encrenca exposta pela revolta dos peões do PAC vai além da pauta trabalhista. Algumas das grandes obras do comissariado estão contaminadas pelo pecado original da falta de projetos detalhados de engenharia. Elas foram contratadas na lógica do “Pra Frente Brasil” e a prova disso está num recente pleito da Camargo Corrêa, revelado pelo repórter Mauro Zanatta. A empresa, que lidera o consórcio da hidrelétrica de Jirau, pede R\$ 1,2 bilhão adicionais por conta de escavações e serviços que não estavam previstos. Afinal, a usina ficará a 12 quilômetros de distância do local planejado, com mais duas turbinas. Para um custo inicial de R\$ 9,9 bilhões, a nova cobrança significa um aumento de 11%.

Sem projeto, todos os preços e prazos são exercícios de fantasia. Isso vale tanto para uma hidrelétrica na Amazônia como para a reforma de um banheiro. A Ponte Rio-Niterói foi licitada nos anos 60 sem que houvesse projeto, o consórcio vencedor acabou enxotado e a obra calou no colo da Camargo Corrêa. O trem-bala arrisca ir a leilão sem que haja um estudo confiável da geologia do trecho Rio-São Paulo, mesmo sabendo-se que a ferrovia atravessará 103 quilômetros de túneis (três vezes a extensão escavada sob o Canal da Mancha).

Como as grandes empreiteiras adoram administrar conflitos aveludando as cortinas do poder, encenam-se projetos em cima de marquetagens. De vez em quando, a receita desanda. Uma das maiores construtoras do século passado, a Mendes Júnior, quase desapareceu, por conta da proximidade que conseguiu no Planalto, no Banco do Brasil e nos negócios de ambos com o Iraque de Saddam Hussein.

Durante nossas reuniões foram abordadas diversas iniciativas lançadas como balões de ensaio, seguindo a teoria “SE COLAR VAMOS EM FRENTE” e que, na maioria das vezes, conduzem a prazos de execução e orçamentos cujos valores são largamente ultrapassados sob a justificativa de que problemas imprevistos ocorreram, mas que, na verdade, foram causados pela falta de levantamentos topográficos contendo um mínimo de informações consistentes, falta de sondagens geotécnicas em número suficiente para análise de projeto estrutural, falta de conhecimento das instalações existentes no subsolo e etc.

Temos sempre defendido a tese de que cabe aos órgãos estatais o planejamento e a supervisão dos empreendimentos, elaborados por entidades e pessoal do quadro permanente, e cujo desenvolvimento, fiscalização e execução possam ser contratados com empresas privadas, sob a administração superior dos organismos governamentais.

Sabemos que o gigantismo de determinados projetos somente interessaram àqueles que tiveram interesses econômicos envolvidos e temos citado, como exemplo, a "ferrovia do aço", a "construção da açominas", a "transamazônica" da década de 70 e algumas outras mais atuais, cujo resultado foi um tremendo desperdício de dinheiro público.

Nossos cabelos brancos não são enfermidade e a nossa voz, já um pouco fraca, talvez possa ser ouvida e muitos jovens poderão buscar entender o seu significado.

Ronald Young
Presidente